

Os usos do *MAS* em debates do *Youtube*¹

The uses of MAS in YouTube debates

Tatiane dos Santos Ramos Arantes²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil.

Cristina Lopomo Defendi³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil.

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa⁴ que busca mapear e comparar os usos do *MAS* em textos argumentativos escritos e orais. Em uma perspectiva textual, funcionalista e cognitivista, apoiamos-nos em Koch (2011), Neves (2011 e 2013), Castilho (1997 e 2010), Tomasello (2003), entre outros estudiosos. A partir da transcrição de debates orais, foi realizada uma análise qualitativa e quantitativa dos usos do *MAS*, como *coordenativo* (ou *conectivo textual*), *operador argumentativo* ou *marcador discursivo* e, como resultado, comparativamente, apontamos o uso do item com determinantes pragmáticos agindo em substituição de parte da quantidade que seria esperada se também se comportasse tão somente como *conectivo* ou *operador* bem como o fez em textos escritos com os editoriais. Cada uso mobiliza, intersubjetivamente, um tipo de estratégia argumentativa que contribui para a dinâmica contínua da movimentação da língua.

Palavras-chave: Gramaticalização. Argumentação. Gênero debate. Cognição.

Abstract: This paper presents a research that seeks to map and compare the uses of *MAS* in written and oral argumentative texts. In a textual, functionalist and cognitivist perspective, we rely on Koch (2011), Neves (2011 and 2013), Castilho (1997 and 2010), Tomasello (2003), among other scholars. From the transcription of oral debates, a qualitative and quantitative analysis of the uses of *MAS*, as coordinative (or textual connective), argumentative operator or discursive marker was performed and, as a result, comparatively, the use of the item with pragmatic determinants acting on replacement of part of the amount that would be expected if it also behaved only as a connective or operator as it did in texts written with the editorials. Each use mobilizes intersubjectively a type of argumentative strategy that contributes to the continuous dynamics of language movement.

Keywords: Grammaticalization. Argumentation. Gender debate. Cognition.

¹ Trabalho de iniciação científica, desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa "Descrição do Português do Brasil" (IFSP-CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi.

² Graduada em Letras/Português pelo *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo*. Foi membro do grupo "Descrição do Português do Brasil" (IFSP-CNPq). Atualmente é pesquisadora independente e professora concursada de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de São Paulo e estudante de Pedagogia na Faculdade de Educação da USP. E-mail: tatiane.dsra92@gmail.com / tatiane.dsra@usp.br.

³ Professora permanente do *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo*. Doutora e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atua como membro dos seguintes grupos de pesquisa: "Linguagem e cognição" (USP-CNPq), "Descrição do Português do Brasil" (IFSP-CNPq) e "Grupo de Estudos da Linguagem do IFSP" (IFSP-CNPq). E-mail: crislopomo@ifsp.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa em sua segunda⁵ etapa de realização sobre marcas gramaticais de argumentação e faz um mapeamento semântico-descritivo dos usos do **MAS**. A primeira contou com textos argumentativos escritos extraídos de 50 editoriais jornalísticos paulistas e esta segunda conta com um *corpus* transcrito de seis debates orais disponíveis em canais do *Youtube*, todos com forte teor argumentativo. Nela, temos como objetivo geral mapear as estratégias de argumentação utilizadas na modalidade oral com o uso do **MAS**, procurando distinguir em quais situações reais da língua esse item exerce diferentes papéis semânticos e funcionais.

Nossa expectativa é, a partir da descrição de Castilho (1997, p. 111-114; 2010, p. 351-354), encontrar o **MAS** como *marcador discursivo*, já que o autor defende que, na oralidade, em uma *interação conversacional*, os falantes tenderiam a utilizar o **MAS**, em maior frequência, funcionando no texto como um articulador textual-interativo a fim de organizá-lo sistematicamente.

Como objetivo específico, fazemos a comparação de dados coletados em dois *corpora*, um *corpus* escrito e outro oral, ambos de textos argumentativos. Com tal cotejo, procuramos verificar como essas diferentes modalidades podem influir na caracterização do processo de gramaticalização do item **MAS**.

A priori, sabe-se que, para Halliday (s.d apud NEVES, 2013, p. 18), as escolhas feitas pelos falantes estão totalmente relacionadas aos propósitos específicos da língua, os quais darão a ela significados. Assim, para realizar a pesquisa atual, selecionamos debates⁶ que tangenciam um paradigma político de mesma temática, *a descriminalização do porte individual*

⁵ Descrita a partir do artigo *Os usos do MAS em editoriais de jornais*. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/29080>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

⁶ Quais sejam:

Debate 1: Descriminalização do porte de drogas - Sala Debate - Canal Futura. *YouTube*. 01.09.2015. 57min57s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MWUjlcMdp4>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

Debate 2: Porte de drogas para o consumo pessoal - Brasil em Debate - Tv Câmara. *YouTube*. 04.09.2015. 26min05s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hiqI0nRfx_w&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Debate 3: Descriminalização das drogas - JC Debate - TV Cultura. *YouTube*. 14.08.2015. 29min11s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=whU6JhUGiXo>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

Debate 4: "D4A" e "D4B" discutindo sobre a legalização das drogas - Entre aspas - Globo News. *YouTube*. 25.07.2013. 24min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rYCjITGY1IBU>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Debate 5: Descriminalização das DROGAS - Programa Alexandre Garcia - Globo News. *YouTube*. 20.08.2015. 22min29s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kd3r-2JUyFF&feature=youtu.be>>. Acesso em: 12 ago. 2016

Debate 6: Política Nacional de Drogas e Criminalização do porte - Programa Complicações - UNIVESP TV. *YouTube*. 29min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lwu04UknhB8>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

de drogas, realizados entre 2013 e 2015 e todos em um padrão da variante urbana de prestígio.

Dessa forma, apoiando-nos na visão da gramática funcionalista, pretendemos responder às seguintes questões:

- A. O **MAS**, na oralidade, exerce quais padrões funcionais?
- B. Há alguma tendência estratégica distintiva dos usos do **MAS** em textos escritos em relação aos textos orais? Há influências cognitivas para que isso aconteça?
- C. Qual é a contribuição do **MAS** para o sistema comunicativo?

Para tanto, organizamos este texto do seguinte modo: em primeiro momento, apresentamos as particularidades do texto oral argumentativo, justificando a escolha do *corpus*. Em seguida, demonstramos como a intencionalidade discursiva infere na mudança do uso de itens. Depois, comparando a modalidade escrita com a oral através dos gêneros editorial e debate, comentamos sobre os distintos padrões funcionais do **MAS**. Na sequência, apresentamos os nossos critérios para análise e apresentação de dados para, por último, expomos a análise qualitativa de dados por debate, o *corpus* atual.

1.1 TEXTO ORAL: ARGUMENTAÇÃO E GÊNERO DEBATE

Partimos da premissa de Koch (2011) de que, em toda forma de utilização da linguagem, está o ato de argumentar que é constituído pelas inter-relações feitas pelos seus agentes num ato de coesão e coerência. Também consideramos que “todo discurso subjaz uma ideologia” (Koch, 2011, p. 17) carregada de intenção, de julgamento, de crítica e, portanto, não existe discurso neutro.

Para a modalidade oral, selecionamos o debate cientes de que, mesmo tendo maior grau de objetividade e a interlocução imediata dos agentes da comunicação, seria uma oportunidade de adentrar no discurso mais fluido, mais espontâneo e com mais estratégias argumentativas que visassem sobressair em relação ao ponto de vista oponente.

Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 131-133) comparam as modalidades textuais *escrita* e *oral*, além de discorrerem sobre a *escrita oralizada*. Notam que, por questões histórico-sociais, equivocadamente, a *escrita* é considerada por uma parcela de usuários da língua superior à *fala*. Enquanto *aquela* recairia na previsibilidade textual ao ter de seguir rigidamente as construções canônicas do discurso, *esta* recairia na dificuldade de eximir-se de produções truncadas ao ser menos elaborada. Entretanto, assim como salientam os teóricos já referidos, essas duas modalidades devem ser julgadas dependentes uma da outra haja vista que elas não apresentam um caráter monolítico até mesmo porque, paradoxalmente, em um caráter ontogênico, ensina-se a fala antes da escrita.

Devido a este vínculo, notam a *escrita oralizada* composta por e oriunda de uma fala escrita pré-organizada, revisada e muitas vezes muito próxima a um rascunho de texto. Conseguimos comprovar isso no debate oral, por exemplo, quando lembramos a

constituição e a promoção desse discurso (gênero) fundamentada nas ações dos agentes participantes desse evento, como são os casos dos mediadores e dos debatedores. Ao estruturarem suas falas por meio de um tema dado, esses agentes colocam-se mutuamente em seus devidos papéis identificando cognitivamente as possíveis ancoragens para alçamento dos argumentos que conviesse utilizar, amparados alternadamente ora pela escrita ora na oralidade.

No caso, são os mediadores⁷ que, com um esquema previamente definido acionado por equipamentos como Teleprompter e/ou roteiros individuais escritos, apresentam a questão polêmica do debate e organizam o modo de discuti-la entre os turnos de fala dos debatedores. Os debatedores, por sua vez, interagem entre si simultaneamente e realizam os "truncamentos" que, na verdade, são marcas discursivas intencionais e sinalizadoras para o entendimento lógico do texto que remetem ora a correções ("tais como", "na verdade", "quer dizer"), ora a inserções de ênfase ("não é?", "éh", "tá", "né", mudança no tom de voz, pausas), ora acionamentos e/ou retomadas de argumentos ("**MAS**", "**MAS também**", interposições de turnos), tangenciando, todavia, também um universo de linguagem culta.

1.2 INTENCIONALIDADE DISCURSIVA E MUDANÇAS NO USO

Segundo Tomasello (2003, p. 133), se um falante faz uso de quaisquer termos linguísticos, é porque intersubjetivamente eles simbolizam e/ou categorizam "uma maneira particular de ver algum fenômeno", originados de uma motivação comunicativa baseada em uma situação de aprendizagem e utilização.

Nesse sentido, uma categorização só é habilitada com um significado de valor efetivo e ativo pelo fato de o falante em uma "cena de atenção conjunta"⁸, na(s) experiência(s) de formação da linguagem dele, criar fundamentos sociocognitivos cuja validade requererá a compreensão do outro com quem se fala.

Observado isto resume-se uma série cíclica de atributos inerentes aos falantes dos símbolos a partir de seus discursos: **1ª)** integradores das "cenas de atenção conjunta"; **2ª)** formadores mútuos de intenções mesmo que aparentemente inconscientes; **3ª)** conhecedores das intenções divulgadas por meio das constantes imitações de diversos parceiros comunicativos; **4ª)** e, sobretudo, divulgadores e criadores de 'n' valores de símbolos.

Já para Koch (2011, p. 22) o quesito intenção discursiva apresenta uma particularidade. Para ela, a intenção advém de uma realidade "puramente linguística" e não psicológica, uma vez que se "deixa representar de uma certa forma no enunciado, por meio do qual se estabelece entre os interlocutores um jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social".

⁷ Também apresentada pelos repórteres das entrevistas entremeadas na programação dos debates no nosso *corpus*.

⁸ Entenda-se essa expressão como um contexto de interação.

Dessa forma, vemos que fatores como esses elencados contribuem para movimentação da nossa língua e resultam do processo conhecido como *gramaticalização*, no sentido de, por um lado, haver a circulação de usos já cristalizados advindos das “cenas de atenção conjunta” e, de outro lado, promover valores simbólicos novos, logo como aconteceu com o **MAS**, inicialmente utilizado com os valores de qualidade, de quantidade e de inclusão como advérbio - item que se originou do termo latino *magis* agindo em conjunto da partícula comparativa *sed* com o valor de retificação - e, atualmente, classificado em geral como conjunção de valor contrapositivo/adversativo.

2 QUAIS OS PADRÕES FUNCIONAIS DO MAS?

Para comentarmos sobre os padrões funcionais do **MAS** em sua funcionalidade na língua falada e escrita, apoiamo-nos em Koch (2011), Neves (2011) e Castilho (1997 e 2010). Esses autores elucidam que, a depender do uso escolhido pelo falante da língua, esse item pode desempenhar três distintas funções: *coordenativo ou conectivo textual*, *operador argumentativo* e *marcador discursivo*.

Quando *conectivo textual*, prototipicamente, ele carrega tão somente o valor de ligação com a função muito básica de aproximar e retificar termos entre duas extremidades, ao contrário do que acontece com a partícula quando exerce a função de *operador argumentativo*. Nesse caso, para a Koch (2011, p. 101-105), a estrutura morfológica do item lança, intrinsecamente, com natureza polifônica e argumentativa, um alto valor retórico junto às duas porções. Ou seja, isso resulta das duas ideias '**x**' e '**y**' cuja interpretação pedirá uma conclusão '**r**' podendo '**x**' e '**y**' apresentarem argumentos opostos entre si, assim como se vê em (a), ou ainda o argumento apresentado por '**y**', contrário a '**r**', ser maior do que '**x**', como no exemplo (b):

(a) não há::digamos o desfecho de cadeia pra quem consome ah:: pra si próprio ah::drogas...não é? **MAS** há pena de serviços sociais de de:: uma espécie de corretivo que verbal do juiz etcetera e a perda da condição de primário não é (**D3B - Contra a legalização das drogas**)⁹.

(b) todo mundo tá aqui preocupado com qual é o acesso que o usuário tem a tratamento a gente quer saúde **MAS** a gente tem visões diferentes de como chegar até esse esse paradigma (**D1B - A favor da legalização das drogas**).

Em (a), no momento em que "D3B" diz não haver "(...) desfecho de cadeia pra quem consome (...) drogas", informação **x**, espera-se que uma sanção legal seja dada para o usuário como inaugura a porção "há pena de serviços sociais e a perda da condição de primário", informação **y**, que pode nos levar à conclusão **r** para subentendermos a

⁹ Para mencionarmos trechos dos debates orais, escolhemos identificá-los por códigos. Como critério utilizamos primeiro a letra 'D' representando a palavra debate, depois um número sendo de um a seis (1 a 6) designando a ordem da quantidade de textos transcritos e, por último, as letras 'A' ou 'B' elucidando os debatedores de acordo com a primeira aparição deles no discurso. Portanto, ao citarmos a representação "D3B", fazemos menção a uma fala do debate número 3 declarada pelo segundo debatedor.

argumentação em voga como o desejo de que algo aconteça além do desfecho das penas de serviços sociais e da perda da condição de primário, mesmo sendo inconstitucional.

Em (b), a informação contida em **x** demonstra a preocupação de que seja ponto pacífico para as frentes oponentes dar tratamento ao usuário de droga; porém, isso é parcialmente rejeitado com a porção **y** ao ser considerado que a forma de execução desse anseio poderá ser diferente, isto é, contra os princípios de quem se posiciona contra a legalização das drogas.

Denotando uma natureza contextual, Neves (2011, p. 756-757) entende o uso desse item como uma partícula que evidencia a exterioridade entre as orações de um texto, seja escrito ou oral, e também como elemento organizador de informações com função atributiva, classificando-o em dois grandes grupos principais com os valores ou de *contraposição* e/ou de *eliminação* elencando algumas subclassificações que serão parcial e estruturalmente resgatadas na seção de *critérios para análise e descrição dos usos*.

Para Castilho (1997, p. 111-114; 2010, p. 351-354), o uso do **MAS** com determinantes pragmáticos é classificado como *marcador discursivo* já que pode assumir as seguintes características de orientação: (i) assaltar o turno de quem até então tomava voz no discurso; (ii) retomar um tópico anteriormente mencionado quando já estiver distante; (iii) manter o foco ou dar ênfase no discurso e (iv) sinalizar ou organizar o discurso. Geralmente, quando tal item exerce esse padrão, ele fica posicionado no início do turno de fala do interlocutor, conforme exposto em (c), ao demonstrar a característica trazida por (ii), no caso, retomar o tópico "sanções administrativas":

(c) as sanções são sanções meramente ahn... administrativas (**D1A - Contra a legalização das drogas**).

MAS elas estão no escopo do direito penal (**D1B - A favor da legalização das drogas**).

Sobre as funções do **MAS** nas modalidades oral e escrita, pode-se resumir com o seguinte percurso:

MAS (*textos orais*) conectivo > operador argumentativo > marcador discursivo

↑¹⁰

MAS (*textos escritos e orais*) conectivo > operador argumentativo.

2.1 CRITÉRIOS PARA ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DE DADOS

Apresentamos, agora, os critérios de nossa análise do item enquanto *conectivo*, *operador argumentativo* e *marcador discursivo*.

¹⁰ Propensão para conter em maior quantidade, além de obter um padrão adicional.

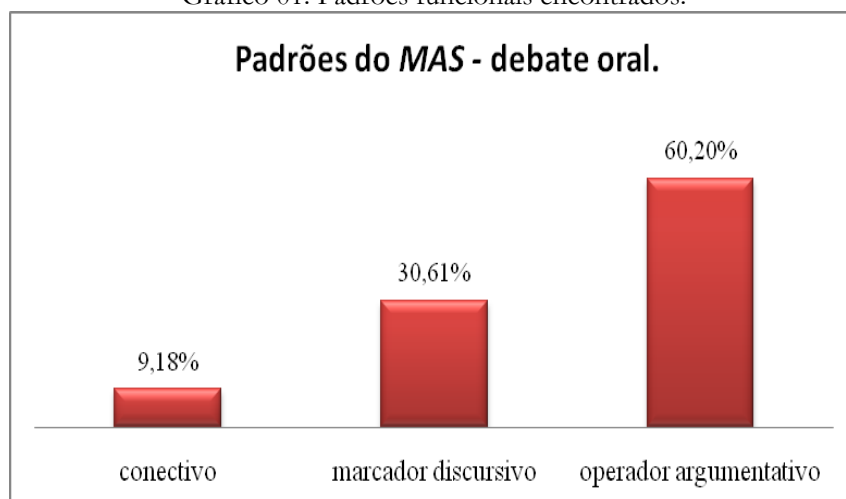
Quanto à análise do **MAS** como *conectivo*, baseando-nos em Castilho (1997, p. 111-114; 2010, p. 351-354), consideramos que os valores de adição também se referem às situações percebidas próximas às correlatas aditivas uma vez que, por vezes, o par correlativo não apareceu explicitamente.

Para o **MAS** funcionando como *operador argumentativo*, primeiro, faz-se necessário detalharmos como se estrutura o grupo de *contraposição* de Neves (2011, p. 756-757). A ele são pertencentes as ramificações: **1. contraposição em direção oposta** também segmentada nos subgrupos com valores semânticos de *contraste (1.1.)*, de *negação de inferência (1.2.)*, de *compensação (1.3.)* e de *restrição (1.4.)*; **2. contraposição em direção independente**; e **3. contraposição na mesma direção**.

Depois, faz-se necessário lembrar também do segundo maior grupo, intitulado *eliminação*¹¹, para dizer que, quando o **MAS** se comportasse com essa roupagem e estivesse posicionado iniciando turnos de falas, classificá-lo como tão somente *marcador discursivo* na denominação de Castilho (1997 e 2010).

De todo *corpus*, localizou-se um total de 98 ocorrências do item funcionando nos três *padrões*, sendo 9 (nove) como *conectivo textual*, 30 (trinta) como *marcador discursivo* e 59 (cinquenta e nove) como *operador argumentativo*, como se vê a seguir.

Gráfico 01: Padrões funcionais encontrados.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Via de regra, todos os usos do **MAS** como valor aditivo foram somados aos 9,18% do padrão *conectivo*, registrando 9 casos assim distribuídos: debates 3 e 4 (uma ocorrência em cada), debates 1 e 6 (duas ocorrências em cada) e debate 5 (três ocorrências).

¹¹ Além do sentido de eliminação, quando o **MAS** inicia turnos de fala, Neves (2011) também considera os valores de *restrição*, e de *contraposição em direção independente*, entretanto, em nossa análise nos bastou apenas utilizar o nome de sua função generalizando-a e apontando um comportamento diferente em relação ao que poderíamos esperar na modalidade escrita, por exemplo.

Nesse momento, quantificamos os outros dois padrões funcionais esperados na tabela "Valor semântico do **MAS**". Para isso, foram considerados os dados a partir de 10 (dez) ocorrências do item.

Tabela 01: Valores semânticos do **MAS**

DISTRIBUIÇÃO QUALITATIVA	DISTRIBUIÇÃO QUANTITATIVA POR DEBATE						
	debate 1	debate 2	debate 3	debate 4	debate 5	debate 6	
MARCADOR DISCURSIVO	7	8	-	10	5	-	30
	23,33%	26,67%	-	33,33%	16,67%	-	100%
OPERADOR (contraposição: contraste)	4	4	2	6	2	2	20
	20,00%	20,00%	10,00%	30,00%	10,00%	10,00%	100%
OPERADOR (contraposição: em direção independente)	5	2	3	1	1	1	13
	38,46%	15,38%	23,08%	7,69%	7,69%	7,69%	100%
OPERADOR (contraposição: negação de inferência)	3	3	2	1	1	1	11
	27,27%	27,27%	18,18%	9,09%	9,09%	9,09%	100%
	debate 1	debate 2	debate 3	debate 4	debate 5	debate 6	

Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Cabe ainda citar o número de ocorrências dos demais valores semânticos encontrados e não mencionados na tabela: *contraposição na mesma direção* (1), *compensação* (4), *eliminação* (5), e *restrição* (5). Já no *corpus* escrito, temos o total de (50) editoriais da Folha de São Paulo e de O Estado de São Paulo analisados, 93 ocorrências do item como *conectivo* e *operador* apresentando os valores mais frequentes de *negação de inferência* (11), de *compensação* (14), de *restrição* (14), de *contraste* (18), e de *eliminação* (19).

Com isso os números absolutos do **MAS** enquanto *operador*, em relação aos valores semânticos de *restrição* e de *eliminação*¹² mais presentes na escrita, foram substituídos pelos usos do item como *marcador* na oralidade. Em geral, os debatedores iniciaram as suas falas com esses usos para retomarem-nas do locutor em voga e tentarem apresentar argumentos mais fortes do que os dos seus oponentes dando continuidade à manutenção de sua própria argumentatividade.

Sublinhamos essa ideia mencionando novamente o exemplo (c) que foi usado na seção anterior. Após uma sequência de turnos, o falante "D1B" interpõe com o **MAS** a fala de "D1A" para retomar o item "sanções administrativas" e manter sua linha lógica argumentativa ao estar considerando que o uso de drogas seja crime pelo fato de estar no "escopo do direito penal". É possível considerar essa estratégia, pois o falante "D1A" mostrou-se querendo diminuir o teor da penalidade ao dizer "meramente administrativas".

¹² O sentido de *eliminação* é a maior incidência na modalidade escrita porque nos editoriais marcaram-se muito das irrealizações e falhas de expectativas das ações realizadas pelo Poder Público ou por outros agentes.

Tanto na modalidade oral quanto na escrita, o valor semântico de *contraste* foi bem expressivo, evidenciando ora aspectos positivos ora negativos. Isso se explica, segundo Arantes e Defendi (2016, p. 20), dado ambos os contextos de produção. Nos editoriais, a ironia utilizada contrapõe informações e quebra uma expectativa concessiva às ideologias dos editorialistas, isto é, das instituições que eles representam e, de forma análoga, nos debates, a partir da própria ideia implícita de os debatedores tentarem controlar as descontinuidades de seus próprios discursos, isto é, não perderem os argumentos centrais da questão nem propiciarem a contra-argumentação do oponente.

Tudo isso revela as diferentes estratégias argumentativas do **MAS** empregadas pelos usuários da língua em textos ou escritos ou orais. Dessarte, entendemos que a escolha por um ou outro padrão funcional é uma forma de manipular discursivamente a atenção de quem por ora faça papel de interlocutor, pois, ao escolher os itens linguísticos, leva-se em consideração o caráter de intersubjetividade mediante os usos originados da esfera social resultando no processo de gramaticalização deles.

Isso se evidencia no próprio tema do debate e no aparecimento do item em maior quantidade, em geral, oriundo das realizações linguísticas do segundo debatedor ao considerarmos o momento da primeira aparição desse agente no debate, independentemente se se posicionasse a favor ou contra a descriminalização das drogas. Hipotetizamos que, uma vez que a cultura de criminalização das drogas está mais arraigada na sociedade, ao considerarmos os valores negativos que nelas estão vinculados mesmo se para consumo pessoal, a tentativa de contraposição e contra-argumentação é mais necessária no debatedor a favor da descriminalização.

2.2 ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS POR DEBATE

Com base em Neves (2000), analisamos os dados a partir das cinco maiores relevâncias quantitativas do **MAS**.

A - Contraposição

1. em direção oposta:

1.1. Contraste

(1) ...e vai aumenta o consumo *não* por aqueles que tem um consumo moderado social **MAS** por aqueles que vão ter segundo um consumo pesado um consumo já levando ao grau de dependência (**Debate 4/D4B - Contra a legalização das drogas**).

Em (1), o uso do **MAS** é empregado contrastando duas orações. A primeira oração é posta pela **'informação 1'** em tom de negação para confirmar que, se houvesse a liberação da maconha, o consumo de drogas aumentaria “não por aqueles que têm um consumo moderado social” e, sim, “por aqueles que vão ter um consumo pesado um consumo já levando ao grau de dependência”, a **'informação 2'**. Destaca-se aí também o alçamento da ideia de contraste a partir da palavra “não” que será permutada na sequência.

(2) a liberdade de escolha que ela tem liberdade na primeira dose na segunda na terceira **MAS** vai chegar num momento que... essa liberdade que é utilizada como argumento pra liberar o uso de drogas... o indivíduo acaba perdendo porque ele fica escravo do seu vício sobre a questão do:: do... (**Debate 5/D5B - Contra a legalização das drogas**).

No exemplo (2), a **‘informação 1’** demonstra a liberdade de escolha de uma pessoa quando ela se permite experimentar drogas ser rebatida pela **‘informação 2’**, com um teor contrastivo, ao se argumentar que essa liberdade passa a não existir no momento em que o indivíduo vira usuário de drogas, tornando-se escravo dela.

1.2. Negação de inferência

(3) cê vê que o Brasil tem uma linha evolutiva no sentido de procurar um problema tão difícil como esse uma solução menos conflitiva menos traumática não é? **MAS** de qualquer maneira há consequências até chegar a hora do juiz dizer que não é pra ir pra cadeia tem todo um processo uma criminalização que passa pela polícia que passa por um processo que às vezes é bastante é penoso...não é? (**Debate 3/D3B - Contra a legalização das drogas**).

Em (3), infere-se com a **‘informação 1’** que o Brasil deve procurar uma solução menos conflitante para um problema tão difícil, tal qual a “linha evolutiva” brasileira aparenta fazer. Com o **MAS** passa-se a negar essa inferência, uma vez que a **‘informação 2’** revela ser ainda, ao contrário do esperado, um processo bastante penoso, com conflitos e traumas.

(4) você ..."D4A" a sua tática acho que é uma tática perigosa deixa eu ti fala porque ...já ti falei isso outra vez **MAS** acho que é bom a gente tentá esclarece isso daí ...o tempo todo você faz uma comparação entre a maconha e o álcool ...não há menor dúvida que o álcool é uma droga diferente o álcool é uma droga que há milhares de anos as pessoas usam (**Debate 4/D4B - Contra a legalização das drogas**).

Em (4), embora o significado da **‘informação 1’**, “já ti falei isso outra vez”, de um debatedor a outro alerte a reincidência de se distinguir maconha do álcool, o fato de ainda se trazer o mesmo argumento é porque o interlocutor, no caso "D4A", continua a desconsiderá-lo, posto que além disso seja necessário inserir a **‘informação 2’**, “acho que é bom a gente tentá esclarece isso daí”.

2. em direção independente

(5) hoje o que a gente diz em termos de política eu con... eu concordo absolutamente na complexidade do tema que o senhor colocou e que não podemos parar de ter debates permanentes **MAS** veja como que nós vamos tomar uma medida sem ter o debate sem chamar opinião pública sem a gente chamar a família? (**Debate 3/D3A - A favor da legalização das drogas**).

No fragmento (5), a **'informação 2'**, introduzida logo após a conjunção aqui qualificada, apresenta um argumento ainda não citado, no caso, chamar a opinião pública, como verificamos em “veja como que nós vamos tomar uma medida sem ter o debate sem chamar opinião pública sem a gente chamar a família?”. Segundo Neves (2000), este tipo de ocorrência é muito frequente aparecer em tom hipotético interrogativo.

(6) Então que ele quer que haja a criminalização dos consumidores de maconha? **MAS** isso é uma regressão e é volta a tratar o problema como se fosse da esfera da polícia ...os cidadãos os milhões que fumam não são criminosos (**Debate 4/D4A - A favor da legalização das drogas**).

Em (6), o enunciador admite a existência do argumento do debatedor oponente com a **'informação 1'** “Então que ele quer que haja a criminalização dos consumidores de maconha?”, entretanto, tal consideração é insuficiente. Em consequência disso, é apresentada a **'informação 2'**, “isso é uma regressão e é volta a trata o problema como se fosse da esfera da polícia ...os cidadãos os milhões que fumam não são criminosos”, trazendo um novo argumento que, na verdade, nada mais é do que a reintegração do próprio posicionamento do locutor.

B - Conectivo (adição)

(7) o que que funcionou... o que não funcionou qual é a política de droga Lícita que como o: "D6B" falou eu acho que tem tem que ser olhada **MAS também** tem que ser olhada nas suas PEculiaridades porque as drogas são to-tal-mente diferentes entre si então não adianta a gente se pautar por essa ou aquela a gente tem que aPRENder com a política que funciona... né por exemplo... atualiZÁ-la e tem que olhar pra () política por exemplo do álcool que NÃO funciona e também eh:: merecia uma aprofundada discussão (**Debate 6/D6A - Contra a legalização das drogas**).

Em (7), levando-se em conta a noção de correlação, completando a **informação 1**, esperava-se um correspondente explícito para a expressão "**MAS também**", entretanto, o que se tem é uma soma aos argumentos anteriores a esse mesmo turno com os de "D6B", isto é, as drogas lícitas: o álcool e o cigarro. Na fala de "D6A", isso fica reduzido a “o que que funcionou... o que não funcionou qual é a política de droga Lícita que como o: "D6B" falou eu acho que tem tem que ser olhada”.

(8) não eu acho que não é só esse critério **MAS** a gente nós tamos falando da da maconha medicinal e o jovem o adolescente a criança que tá vendo precisa ter a ah:: a noção que não é fumando a maconha que vai vai curar nós tamo falando do princípio ativo da do do THC então¹³ ah::: a droga e eu tô falando principalmente do crack que é onde tamo na linha de frente na manifestação do Conselho Federal de Medicina de várias entidades ah:: isso ah são

¹³ Indica-se a confecção do trabalho sobre o operador ‘então’ realizado pelo estudante Mateus Rodrigues de Moura e a orientadora profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi em contribuição ao grupo de pesquisa *Descrição do Português do Brasil*, o “Então como operador argumentativo em debates orais: um estudo funcional” que foi apresentado no Conict no dia 01 de dez. 2016. O resumo expandido encontra-se disponível no endereço: <http://mto.ifsp.edu.br/images/CPI/Anais/IC/1799.pdf>

verdadeiros zumbis é um caminho que não tem volta. (**Debate 1/D1A - Contra a legalização das drogas**).

Já no excerto (8), o par aditivo das correlatas aparece explicitamente quase por completo nas expressões “não é só” x “mas”. Com a **‘informação 1’**, o primeiro elemento é utilizado para enunciar um critério para aqueles que também não apóiam a descriminalização de drogas. Em seguida, o segundo elemento adiciona o outro critério com a **‘informação 2’** “a gente nós tamos falando da da maconha medicinal e o jovem o adolescente a criança que tá vendo precisa ter a ah::: a noção que não é fumando a maconha que vai vai curar nós tamo falando do princípio ativo da do do THC”. Tal argumento é ainda mais reiterado dada a caracterização negativa dita pela voz deste turno às consequências não só do uso da maconha, como também às do crack apresentadas por uma descrição metafórica bem como é trazida com a expressão: “são verdadeiros zumbis”¹⁴.

C - Marcador discursivo

(9) **MAS** "D4A" você volta pra esse ponto a gente tá falando de um outro ponto a gente tava si...liberar o uso de maconha vai ser um aumento de problema de saúde ou não? (**Debate 4/D4B - Contra a legalização das drogas**).

O exemplo (9) tem por objetivo demonstrar o uso do **MAS** como marcador discursivo sendo utilizado no intuito de “roubar a fala” do turno anterior. Já no caso do trecho (10), o **MAS** é empregado com a estratégia de retomar um tópico antes mencionado, de a Suécia, num determinado período, ter descriminalizado o uso de drogas, como se verá a seguir:

(10) **MAS** ele trouxe um exemplo éh..in interessante que é o da Suécia quando a gente vai fazer essa comparação né sempre é a gente traz os exemplos dos ou... dos outros países (**Debate 1/D1B - A favor da legalização das drogas**).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer uma análise comparativa dos usos do **MAS** em um *corpora* representativo de textos argumentativos cultos da modalidade escrita e oral, vimos que esse item não exerce somente a função de *operador argumentativo*, uma vez que, na oralidade, está propenso a aparecer como *marcador discursivo* advindo de um caráter pragmático, linguístico e sociocognitivo resultante da interação dos falantes em meio a cenas de atenção conjunta.

¹⁴ Indica-se a conferência de outro trabalho: “Metáfora e argumentação – Debate Oral”, realizado por Clara Regina Gonçalves da Silva, orientado pela profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi em contribuição ao grupo de pesquisa *Descrição do Português do Brasil*, que foi apresentado no Conict no dia 01 de dez. 2016. O resumo expandido encontra-se disponível no endereço: <http://mto.ifsp.edu.br/images/CPI/Anais/IC/1683.pdf>

Esse comportamento revela um fator contribuinte para a movimentação de nossa língua, alimentando o processo de gramaticalização.

Dessa forma, cada situação de utilização de um item mobilizará um tipo de estratégia argumentativa interpessoal comandada por um plano intersubjetivo, direcionado pelos falantes para escolherem empregos e compartilhamentos de distintos padrões e sentidos disponíveis à interpretação realizada no seu percurso conhecido como dinamicidade linguística.

Conhecer esses comportamentos, portanto, contribui para melhora da interpretação de diversos textos, independentes de suas modalidades, criando um leque maior de opções para o falante/leitor. Assim, aqui cria-se a expectativa de alargar a pesquisa a outros *corpora* para serem estudados na educação básica, justamente para explorar esses demais usos do **MAS** além do valor de adversidade que, em geral, hoje se utiliza nas escolas sem levar em consideração os seus demais padrões funcionais.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, T. dos. S. R.; DEFENDI, C. L. Os usos do "mas" em editoriais de jornais. *Verbum - Cadernos de Pós-Graduação*. São Paulo, v 5, n. 11, p.12-30, jul./ago. 2016.
- CASTILHO, A. T. de. Língua falada e gramaticalização. In: *Filologia e linguística Portuguesa*, n. 1, p. 107-120, 1997.
- ARANTES, T. dos. S. R.; DEFENDI, C. L. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 351-354.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. e HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de letras, 2004, p. 125-155.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de Usos do Português*. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p. 755-770.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- TOMASELLO, M. Comunicação linguística e representação simbólica. In: *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 131-186.